

## HORA DE ENCENAR

**Stephen Mottram**<sup>1</sup>

Neste momento, quando nosso mundo está abalado pela COVID-19, é fato que nós artistas, como muitos outros profissionais liberais, estamos em uma situação de vulnerabilidade. Não podemos trabalhar sem uma audiência e, frequentemente, pertencemos a um grupo de pessoas que não têm dinheiro economizado para emergências... Para os artistas mais velhos, há ainda o risco adicional de ficar gravemente doente.

Mas somos um grupo adaptável e suponho que a pandemia vai acabar eventualmente e pessoas como nós, levados a ganhar a vida com o entretenimento, usaremos nossa criatividade para inventar maneiras novas e bem-sucedidas de continuar fazendo isso.

Uma boa ideia é muitas vezes tudo o que precisamos...

Lisboa, 2003, do lado de fora do A Brasileira Café, 23 h. Ao lado da mesa de um grupo de idosas tomando sorvete, há três vacas. Elas permanecem quietas, comportando-se exatamente como as vacas - docilmente observando e vagando lentamente em um pequeno rebanho pelas ruas movimentadas. Há algo de subversivo nessas vacas. Elas desafiam nossas ideias sobre como deve ser um centro da cidade à noite. Elas não estão obedecendo às regras. Quando



*The Cows [As Vacas]*. Snuff Puppets, Lisboa, em 2003.  
Fotos: Luis Vieira. Cortesia da Snuff Puppets

uma das vacas entra no trânsito, todos os carros param. Os táxis buzina, mas os motoristas estão sorrindo. Eles podem ver que as vacas são apenas fantasias usadas por atores. *The Cows [As Vacas]* foi uma ideia que deu início à companhia de teatro agora muito conhecida, chamada Snuff Puppets, da

<sup>1</sup> Marionetista, diretor teatral fundador da Animata de Stephen Mottram (Oxford, Reino Unido). No cinema, trabalhou em *A Pequena Loja dos Horrores* (Frank Oz, 1986) e *Strings* (Anders Rønnow Klarlund, 2004). E-mail: stephen.mottram@virgin.net

Austrália. Eu gostaria de ter estado lá quando eles tiveram a ideia de usar esses figurinos, roupas de vaca, pela primeira vez e viajar pelo mundo fingindo serem vacas, como uma maneira de ganhar a vida.

O *Monsieur Culbuto* [Senhor João Bobo] é um personagem de teatro de rua criado pela companhia francesa Dynamogène. Ele é um João Bobo humano; uma base hemisférica muito pesada com uma pessoa fixada nela. Quando o "boneco" é derrubado, ele volta a ficar de pé novamente. O artista usa um capacete de aviator e um longo casaco de couro que se abre como um cone para cobrir a ampla curva da base de concreto. Vemos uma pessoa, mas que se

move como um objeto inanimado. Ela fascina e nos mantém atraídos com sua simplicidade e perigo. E, como resultado, *Mr. Culbuto* [Sr. João Bobo] tem tido grande visibilidade nos Festivais de Artes do mundo por 20 anos. Mas como foi o início dessa ideia tão original dentro da Companhia Dynamogène?

Também me lembro de uma apresentação de Teatro Lambe-Lambe que vi na Espanha há alguns anos. Cada espectador, um de cada vez, recebia fones de ouvido e via uma grande estrutura em forma de vulcão através de uma ocular estereoscópica. A vista através de um divisor era de uma cordilheira gloriosa e grande, observada de cima dos cumes

*Mr. Culbuto* (1997). Cia. Dynamogène. Nîmes, França. Foto: Florent Sorin-Le FLOtographie. Courtesy Dynamogène.



das montanhas. No topo da montanha mais alta havia um homenzinho tocando violão, e através de fones de ouvido ouviam-se sons altos de uma guitarra, ecoando nas montanhas - uma experiência divertida para o espectador. E para o artista, o único elemento a ser manipulado ao vivo era o movimento de dois mm para cima e para baixo da haste da marionete do pequeno guitarrista, que era usada para "tocar" o instrumento. Havia uma longa fila de pessoas esperando para pagar um euro e dar uma olhada - então essa foi outra ideia inspiradora de um espetáculo que podia garantir a subsistência de alguém.

Eu sempre me sinto tocado pela inventividade e variedade infinita de experiências como essas. Basta olhar para a incrível originalidade das estátuas vivas em seus pedestais na maioria das grandes cidades; a nova forma sedutora de apresentar velhos truques de circo; os teatros em miniatura, mágicos e músicos... tanta criatividade para a qual existe uma demanda tão grande.

Mas se as performances são destinadas à rua ou ao YouTube, ou a espaços mais formais de teatro, os elementos principais, frequentemente começam como ideias muito simples que surgem através da encenação. Muitas vezes, nos divertindo com uma primeira ideia simples - improvisando com amigos algo que nos fascina de alguma forma - começamos rapidamente a gerar ideias secundárias, ainda melhores. Isso nos leva a fazer coisas novas e a usar de maneira diferente o que já temos. Ficamos entusiasmados ao ver um futuro potencial para o que estamos fazendo e descobrimos que podemos pensar em algo mais. E o próprio processo criativo, uma vez que a febre chega, nos alimenta de novas ideias e de maiores recompensas. À medida que nos vemos começando a produzir sequências curtas que funcionam para nós, nossas dúvidas e as lacunas em nosso pensamento começam a se resolver. E, quando, ocasionalmente, nos deparamos com um momento

de performance realmente excepcional, sabemos imediatamente que encontramos uma ideia tocada pela varinha mágica do gênio. Essas ideias preciosas podem nos satisfazer artisticamente e nos apoiar financeiramente e, para mim, representam o Santo Graal da vida artística.

Acho inspirador ao ensinar, ver com que rapidez um pequeno grupo de estudantes de teatro pode voar com uma ideia básica e produzir algo mágico e valioso, apenas brincando.

Mas a chave aqui é teatralizar. Acho muito difícil produzir boas ideias para um espetáculo, sentado pensando. "Tentar" ser criativo nunca parece funcionar. É como se tivéssemos de nos libertar da necessidade de uma ideia, relaxando no mundo lúdico de nossa infância, antes que essas criaturas tímidas se aventurassem por nós. Antes que essas criaturas tímidas dentro de nós se aventurem para longe. Portanto, *fazer* é a chave - fazer as coisas, brincar com elas e depois tentar outra coisa - permitindo que as ideias cheguem até nós enquanto nossa concentração estiver em outro lugar.

Ter uma ideia para um espetáculo que queremos montar e com a qual um dia possamos ganhar a vida é a melhor sensação! Isso nos dá impulso e motivação, fornece algo para esperar e olhar para frente e, o que é mais importante, nos faz acreditar.

O teatro, em todas as suas formas, é muito valioso, porque nos oferece um vislumbre através das barras de nossa gaiola. Se simplesmente apresentando coisas normais em contextos incomuns, fazemos as pessoas caírem na gargalhada ou talvez fiquem solenemente em silêncio, é provavelmente porque estamos violando as normas culturais, com as quais o público não contava e que não estavam em conformidade com suas percepções. Uma boa ideia de espetáculo - seja no momento em que pensamos nela pela primeira vez, ou quando, como público, a vimos pela primeira vez - nos conscientiza de possibilidades fora da norma. Os artistas são

como abelhas, zumbindo de um lugar para outro, polinizando o mundo com ideias e mostrando novas maneiras de ver.

Eu estava no palco de um teatro na Bélgica em 12 de março, quando o diretor do teatro veio me dizer que eu tinha que sair porque o prefeito da cidade havia fechado todos os espaços públicos devido à

COVID-19. Deram-me uma hora para empacotar todo o meu equipamento, fazer as malas e um dia para deixar o país, porque planejavam fechar a fronteira belga na noite seguinte.

Na sequência, todas as minhas apresentações para a primavera e o verão foram canceladas, quando o mundo se fechou em si mesmo. Mas quando,

Bonehead e Stephen Mottram. Foto: Stephen Mottram.



lentamente, o choque e o pânico diminuíram, percebi que, pela primeira vez, tinha tempo real em minhas mãos.

Então, o que tenho feito aqui em Oxford desde então? Ensaaiando! Eu tenho ensaiado na minha oficina. Comecei consertando uma marionete desgastada de um espetáculo antigo. Isso me fez pensar em novas maneiras de apresentá-lo, o que me levou a considerar um novo tipo de controle. E com esse pensamento, fiquei empolgado, passando dias inteiros testando protótipos. Tenho estado muito feliz, esculpindo pequenas marionetes apenas por diversão e deixando que elas me mostrem o que podem fazer com o novo controle. Lentamente, as ideias que vieram a mim quando eu estava esculpindo seus corpos, germinaram em cenas curtas e executáveis que me fazem sorrir quando as vejo no espelho. Espero que um dia façam parte de um novo espetáculo, mas por enquanto eles me ajudam a preencher o buraco na minha cabeça reservado à fé. Minha oficina se tornou uma pequena Placa de Petri<sup>2</sup> de criação, onde coisas interessantes estão crescendo. Apesar da ameaça da COVID-19, devemos lembrar que é muito, muito especial ter uma profissão em que nos é permitido cultivar magia.

Então, por enquanto, vamos confiar no próprio processo criativo. Nosso trabalho - quando todo o romance e o *hype* é removido - é fazer algo interessante na frente de um grupo de pessoas e fazê-lo suficientemente bem para que cada uma delas queira nos pagar um pouco de dinheiro pela experiência que lhe proporcionamos. Podemos não conseguir fazer isso por alguns meses, mas ainda podemos estar ocupados brincando com novas idéias que podem trazer uma renda mais tarde. Isso deve fazer com que as coisas pareçam mais esperançosas, nos dê uma visão mais brilhante do nosso futuro e produza as condições certas para encontrarmos uma daquelas ideias realmente ótimas e afirmativas

da vida que já temos em algum lugar em nossas cabeças, apenas esperando para serem descobertas.

Outro dia perguntei a um amigo de que espetáculo ele mais se lembrava depois de trabalhar no teatro por 40 anos. Ele me falou que era um artista de rua, que carregava um balde de metal na calçada, enfiava a cabeça no balde, tirava os pés do chão e ficava de ponta cabeça, depois levantava os dois braços do chão e os esticava como asas (suponho que o balde provavelmente continha um capacete oculto para dar apoio e tornar o processo mais confortável). Depois de alguns minutos nessa posição de crucifixo invertido, ele colocava os pés de volta no chão, removia o balde da cabeça e enchia com o dinheiro que agora estava espalhado por toda a calçada.

Como eu disse, uma boa ideia é muitas vezes tudo o que precisamos.\*

\*Tradução de Conceição Rosière.

## NOTA

<sup>2</sup>Placa de Petri é um recipiente circular, achatado e de fundo plano, feito de vidro ou plástico, com uma tampa de encaixe. É usado em laboratórios principalmente para cultura de bactérias e outros microrganismos. Foi inventado pelo bacteriologista alemão Julius Petri (1852-1921). Verbetes extraído do Oxford Dictionary of Science, p. 588, Oxford University Press, New York, 2003. (N. do E.)

## TIME TO PLAY!

Stephen Mottram<sup>1</sup>

For the present, as our world is rocked by Cv19, it is a fact that we performers, like many other self employed professionals, are in a vulnerable situation. We can't work without an audience and often belong to a group of people who have no money saved for emergencies... For the older artists there is the added risk of getting seriously ill.

But we are an adaptive bunch and I suppose the pandemic will eventually end and people like us who are driven to earn a living by entertaining, will use their creativity to invent new and successful ways of doing that.

A good idea is often all it takes...

Lisbon, 2003, outside the Brasileira Café, 23:00hrs. Beside the table of a group of elderly women eating ice cream, there are three cows. These stand quietly, behaving just like cows do – docilely watching and wandering slowly in a small herd through the busy streets. There is something subversive about these cows. They challenge our ideas about a city centre at night. They are not obeying the rules. When one of the cows wanders out into the traffic, the cars all stop. Taxis sound their horns, but the drivers are smiling. They can see that the cows are just costumes worn by actors. "The Cows" was an early idea from the now well known company, *Snuff Puppets* from Australia. I would like to have

been there when they first had the idea of wearing cow costumes and travelling round the world pretending to be cows as a way of making a living.

*Monsieur Culbuto* is a street performance character created by the french *Dynamogène* company. He is a human Kelly Doll; a very heavy hemispherical base with a real person fixed into it. When the 'doll' is knocked over, it just rolls back up again. The performer wears a flying helmet and a long leather coat which spreads out like a cone to meet the wide curve of the concrete base. We see a person, but one moving like an inanimate object. It fascinates and holds us with its simplicity and danger. And as a result, *M. Culbuto* has been in high demand around the world's Arts Festivals for 20 years. But how did *Dynamogène* produce that very original idea in the first place?

I also remember a Lambe Lambe show which I saw in Spain some years ago. The single spectator was given headphones and looked through a stereoscopic eyepiece into a large, volcano shaped structure. The view through the eye piece was of a glorious, wide, mountain range, seen from above the mountain-tops. On the very top of the highest mountain stood a tiny man playing a guitar, and through headphones came loud guitar riffs, echoing off the mountainsides - a joyous experience for the viewer. And for the performer, the only live element to supply was the 2mm up and down wiggle of the little guitarist puppet's hand rod, which served as 'playing the guitar'. There was a long queue of people waiting to pay one euro to have a look – so this was

---

<sup>1</sup> Stephen Mottram's *Animata*. Oxford, UK. Direction, design/construction. E-mail: stephen.mottram@virgin.net

another inspired performance idea which provided a living for someone.

I have always been heartened by the inventiveness and endless variety of performances like these. Just look at the amazing originality of the living statues on their pedestals in most big cities; the seductive new takes on old circus tricks; the miniature theatres and magicians and musicians... so much creativity for which there is such a big demand.

But whether performances are intended for the street or YouTube, or for more formal theatre spaces, the core elements often start out as very simple ideas which come about through play. Often, by having fun with a first, simple idea - improvising with friends around something which fascinates us in some way - we start quickly to generate secondary, even better ideas. This drives us to make new things and use what we already have differently. We get

*The Cows. Snuff Puppets. Melbourne, Australia. Photo: Jorge de Araújo. Snuff Puppets photo courtesy.*



enthusiastic as we see a potential future for what we're doing and find we can think of little else. And the creative process itself, once the fever comes on us, feeds us new ideas and greater rewards. As we see ourselves starting to produce short sequences which work for us, our doubts and the gaps in our thinking start to resolve themselves. And when, very occasionally, we stumble across a really exceptional performance moment, we know straight away that we have found an idea brushed by the magic wand of genius. Those precious ideas can both fulfil us artistically and support us financially and for me they represent the Holy Grail of the artistic life.

I find it uplifting when teaching, to see how quickly a small group of drama students can fly with a basic idea and produce something magical and valuable, just by playing.

But the key here is *play*. I have found it very hard to produce good performance ideas by sitting thinking. 'Trying' to be creative never seems to work. It's as if we have to make ourselves free of the *need* for an idea, by relaxing into the play world of our childhood, before these timid creatures venture forth for us. So *doing* is the key – making things, playing with them and then trying out something else - allowing the ideas to come to us while our concentration is somewhere else.

Having an idea for a performance we want to make and with which we might one day make a living is the best feeling! It gives us drive and motivation, supplies something to hope for and look forward to and most importantly, to believe in.

The theatre in all its forms is so valuable because it presents us with a glimpse through the bars of our cage. If simply by presenting normal things in unusual contexts, we make people burst into laughter or maybe fall solemnly silent, it is probably because we are violating cultural norms which the audience didn't previously know their perceptions conformed to. A good performance idea – whether

in the moment we first think of it, or when as an audience we first see it - makes us aware of possibilities outside the norm. Artists are like bees, buzzing from place to place pollinating the world with ideas and opening up new ways of seeing.

I was working on stage in a theatre in Belgium on 12<sup>th</sup> March, when the theatre director came to tell me I had to leave because the mayor of the town had closed all public spaces due to Cv19. I was given one hour to pack my equipment and one day to leave the country, because they planned to close the Belgian border the following night.

Over the next few days, all my performances for the spring and summer were cancelled as the world shut itself down. But as the shock and panic slowly subsided, I realised that for once I had some real time on my hands. So what have I been doing here in Oxford since then?

Playing! I've been playing in my workshop. I started by repairing a worn out marionette from an old show. That made me think of new ways of presenting it, which prompted me to consider a new type of control. And with that thought I became driven, spending whole days testing prototypes. I have been very cheerful, carving little marionettes for the fun of it and letting them show me what they can do on the new control. Slowly, ideas which came to me as I was carving their bodies, have germinated into short, performable sequences which make me smile when I watch them in the mirror. I hope they will one day be part of a new show, but for now they help me to fill the hole in my head reserved for faith. My workshop has become a little creative petri-dish where interesting things are growing. In spite of the menace of Cv19, we should remember that it is very, very special to have a profession where we are allowed to cultivate magic.

So for now, let's put our faith in the creative process itself. Our job - when all the romance and



hype is removed - is to do something interesting in front of a group of people sufficiently well for each of them to want to pay us a little money for the experience we provide them. We may not have been able to do this for a few months, but we can still be busy playing with new ideas which might lead to an income later. That should make things feel more hopeful, give us a brighter view of our future and produce the right conditions for us to find one of those really great, life-affirming ideas we have somewhere in our heads already, just waiting to be discovered.

I asked a friend the other day which performance he most remembered after working in the theatre for 40 years. He told me it was a street performer

who carried a metal bucket onto the pavement, put his head deep down into the bucket, did a headstand and then lifted both arms off the ground and stretched them out like wings (I suppose the bucket probably contained a hidden crash helmet to add support and make the process more comfortable.) After a few minutes in this inverted crucifix position, he put his feet back on the ground, removed the bucket from his head and filled it with the money which was by now all over the pavement.

As I said, a good idea is often all it takes.

Bonehead and Stephen Mottram. Photo: Stephen Mottram

